

## **DOWN – DO REAL AO POTENCIAL: SUPERANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Sonia Maria Gomes de Sá Küster<sup>1</sup> - PUCPR  
Fernando Corrêa<sup>2</sup> - PUCPR  
Gislaine Bachuk<sup>3</sup> - PUCPR  
Mirian Nosete<sup>4</sup> - PUCPR

### **RESUMO**

O presente trabalho visa descrever um estudo de caso realizado no Núcleo de Práticas Psicológicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Com base nos protocolos de atendimentos analisados e interpretados sob o respaldo da Epistemologia Convergente de Jorge Visca (1987), o qual conceitua a aprendizagem e suas dificuldades baseado na assimilação recíproca das contribuições de correntes teóricas, como: Escolas Piagetianas ou de Genebra, Escola Psicanalítica e Escola de Psicologia Social, buscou-se compreender as exigências e necessidades específicas trazidas pelo cliente no âmbito clínico. Diante disso, cunhou-se o tema “Down – do real ao potencial: superando as dificuldades de aprendizagem” valorizando as potencialidades do sujeito que aprende em toda a sua integralidade relacionando ao ambiente de aprendizado no qual se encontra. Esta pesquisa aplicada de cunho qualitativo trata-se de um estudo de caso de L., uma criança de 8 anos, que cursava o 1º Ano do Ensino Regular em Classe Especial em uma escola localizada no município de Colombo, região metropolitana da cidade de Curitiba. Buscou-se com este estudo perceber as potencialidades reais de L. com a investigação criteriosa sob o uso de instrumentos de pesquisa abordando os aspectos cognitivos, afetivos, funcionais e sociais para a construção da avaliação psicopedagógica. Dentro do processo de avaliação psicopedagógica muitos foram os instrumentos utilizados para oportunizar a livre expressão de L. e a manifestação de suas habilidades. Utilizando-se das Provas de Diagnóstico Operatório baseados na teoria da Epistemologia Genética, e das Técnicas Projetivas Psicopedagógicas calcados na Teoria Psicanalítica, bem como, de atividades lúdicas fundamentadas na Psicologia Social, conseguiu-se concluir a forma de aprendizagem de L.

**Palavras-chave:** Down. Aprendizagem. Potencialidades.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela PUCPR. Especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil. Licenciada em Pedagogia Plena pela PUCPR. Professora convidada em Cursos de Formação em Psicopedagogia – PUCPR/FAE/ UP/ UNIFIL/ FACULDADE INTEGRADO. Presidente da ABPP-Pr em gestões anteriores e Conselheira Vitalícia da Seção. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Prática Docente na PUCPR. E-mail: soniakuster@uol.com.br

<sup>2</sup>Mestrando em Educação pela PUCPR. Especialista em Psicopedagogia e Metodologia do Ensino de Filosofia da Educação Básica. Licenciado em Filosofia e Pedagogia Plena. Professor no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade FAMA. Membro da Diretoria da ABPP-Pr (Gestão 2017-2019). Colaborador do NESEF (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia da UFPR) e pesquisador do Grupo de Pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Prática Docente na PUC-PR. E-mail: profcorrea.fama@gmail.com

<sup>3</sup>Especialista em Psicopedagogia. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Possui curso de extensão em Instrumentos de Avaliação Psicopedagógica. E-mail: gibachuk.gb@gmail.com

<sup>4</sup> Especialista em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Uninter. Possui curso de extensão em Avaliação Psicoeducacional. E-mail: minosete@hotmail.com

## **Introdução**

O estudo de caso realizado no Núcleo de Práticas Psicológicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) compreende um processo de avaliação psicopedagógica realizado entre os meses de março a julho de 2015.

Com base nos protocolos de atendimentos analisados e interpretados sob o respaldo da Epistemologia Convergente defendida por Visca, sob a qual é possível compreender de forma mais eficaz o processo de aprendizagem mais do que qualquer área do conhecimento isoladamente. A proposta de Visca foi a maneira encontrada por ele para compreender o processo de aprendizagem por meio da integração (CARLBERG, 2012, p. 19).

Para fundamentar o tema, buscou-se o aporte teórico de Visca (1987) e de Vygotsky (2007) que trabalham respectivamente a condição do sujeito que aprende em suas várias dimensões, relacionados à condição mutável e que, portanto, não é estática, mas composta por novos esquemas de aprendizagem ligados ao contexto sociocultural em que ele se encontra.

Esta pesquisa aplicada de cunho qualitativo trata-se de um estudo de caso de L., uma criança de 8 anos, que cursava o 1º Ano do Ensino Regular em Classe Especial em uma escola localizada no município de Colombo, região metropolitana da cidade de Curitiba. Buscou-se com este estudo perceber as potencialidades reais de L. com a investigação criteriosa sob o uso de instrumentos de pesquisa abordando os aspectos cognitivos, afetivos, funcionais e sociais para a construção da avaliação psicopedagógica.

## **Contextualizando**

### ***A Psicopedagogia***

Conceituar a Psicopedagogia faz-se necessário na medida em que se usa desta área do conhecimento para o desenvolvimento deste estudo de caso. Em relação à tentativa de definir o que é a Psicopedagogia afirma Balestra (2007) que: “é a área de estudos de caráter teórico-prático e interdisciplinar que instrumentaliza o profissional de educar e do ensinar”.

Segundo Bossa (2007):

a Psicopedagogia é uma área do conhecimento que lida com o processo de aprendizagem humana: seus padrões normais e patológicos considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento.

Vale aqui ressaltar que o objeto de estudo desta área do conhecimento é justamente a aprendizagem e todas suas implicações acerca do sujeito aprendiz, ou seja, aquilo que ele aprende, como e com quem ele aprende.

A Psicopedagogia, portanto,

estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo, portanto, um caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características, evitando, assim, cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade (ACAMPORA, 2013, p. 17).

Quanto à prática em âmbito clínico a Psicopedagogia atuará terapêuticamente identificando, analisando, planejando e intervindo por meio das etapas de avaliação e tratamento do desenvolvimento do sujeito avaliado o que será discorrido no próximo item.

### *A Psicopedagogia no Âmbito Clínico*

De acordo com ACAMPORA (2013, p.13), a Psicopedagogia Clínica é um campo recente no Brasil, porém seu trabalho é cada vez mais solicitado pelas escolas, por médicos neurologistas, fonoaudiólogos, equipes multiprofissionais e, principalmente, pelos pais das crianças e dos adolescentes com dificuldade de aprender.

A Psicopedagogia no âmbito clínico se refere à ação de um sujeito que trata outro sujeito, em uma relação na qual um procura conhecer o que impede o outro de aprender. Nesse sentido, é importante que o profissional saiba de que modo se dá a aprendizagem, as influências afetivas e as representações inconscientes que o acompanham. Desse modo, a prática clínica ocorre em um consultório com atendimento individual, grupal ou familiar ou instituições educativas. Segundo Bossa (2007, p.27):

no trabalho clínico, conceber o sujeito que aprende como um sujeito epistêmico-epistemofílico implica procedimentos diagnósticos e terapêuticos que considerem tal concepção. Por exemplo, no processo diagnóstico interessa-nos saber como e o que o sujeito pode aprender, e perceber o interjogo entre desejo de conhecer e o de ignorar. Para isso, é necessária uma leitura clínica na qual, por meio da escuta psicopedagógica, se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção.

Conforme assinala Acampora, o psicopedagogo tem um papel fundamental no processo de avaliação e intervenção dos indivíduos portadores das desordens da aprendizagem, pois ele tem o conhecimento tanto da área psicológica quanto da área

pedagógica. Precisa ter espírito investigativo e levantar hipóteses. Aplicar testes e avaliar o contexto no qual o indivíduo que apresenta tais dificuldades está inserido poderá auxiliá-lo em seu pleno desenvolvimento (2013, p. 13).

### ***O Papel do Psicopedagogo Frente à Aprendizagem***

O psicopedagogo é o profissional habilitado para atuar na prevenção, avaliação e intervenção clínica ou institucional. Por meio da avaliação, irá identificar os problemas de aprendizagem, utilizando-se de instrumentos específicos psicopedagógicos e posteriormente realizar a intervenção, se necessário. A presença de psicopedagogo nos ciclos da Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental representa uma alternativa para a resolução dos problemas no processo de ensino-aprendizagem (BALESTRA, 2007).

O psicopedagogo tende a prevenir os problemas de aprendizagem, ao invés de remediá-los por meio da busca de diversos recursos possibilitando assim, o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos.

Nessa perspectiva, “o psicopedagogo não é um mero ‘resolvedor’ de problemas, mas um profissional que dentro de seus limites e de sua especificidade, pode ajudar as **instituições sociais**<sup>5</sup> [adaptado pelos autores] a remover obstáculos que se interpõem entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos por meio da construção de práticas educativas que favoreçam processos de humanização e (re) apropriação da capacidade de pensamento crítico” (TANAMACHI e MEIRA, 2003, p. 43).

Segundo Rubinstein (1987 apud FERMINO, 1996, p. 128) coloca que:

o psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para, valendo-se desta investigação, entender a construção da dificuldade de aprendizagem.

É nessa investigação que o psicopedagogo necessita estar livre de qualquer influência prévia e preconceito, estar livre de qualquer sentimento, olhar e principalmente saber selecionar tudo o que ouve e enxerga para poder intervir, colaborar, elaborar planos de trabalho com os envolvidos no processo educativo.

O psicopedagogo é, portanto, um agente de inclusão social.

---

<sup>5</sup>No original: instituições escolares.

## *A Epistemologia Convergente*

A Epistemologia Convergente possibilita quatro unidades de análises das quais deve se ocupar o psicopedagogo: o indivíduo, o grupo, a instituição e a comunidade. As funções destas unidades podem ser estudadas a partir de um vetor de análise, ou seja, vetor de aprendizagem.

O processo de aprendizagem é estudado inicialmente com uma entrevista, denominada por Visca como, Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), a qual é o ponto de partida da avaliação psicopedagógica. Diz-nos Visca:

contrariamente à modalidade tradicional em que a abertura do diagnóstico se inicia com anamnese, eu o inicio com a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem – EOCA. Isto responde a diferentes motivos. Um deles é que os pais, invariavelmente ainda que com intensidades diferentes, durante a anamnese tentam impor opinião, sua ótica, consciente ou inconscientemente. Isto impede que o agente corretor se aproxime “ingenuamente” do paciente para vê-lo tal como ele é para descobri-lo (1987, p. 70).

Com a EOCA se detectam os sintomas e se formular hipóteses sobre as causas ahistórica ou patogênicas das quais emergem os sintomas (VISCA, 1987, p. 71). Esse instrumento inspira-se, por um lado, na Psicologia Social de Pichon-Rivière e, por outro, nos postulados da Psicanálise, tomando também a modalidade experimental do método clínico da Escola de Genebra. Mas, diferente de todas elas, se focaliza sobre a aprendizagem, melhor dizendo, sobre a investigação do modelo de aprendizagem, vale dizer naquilo que alguém aprende e aprende a aprender.

A EOCA pretende ser um instrumento simples, espontâneo e rico em seus resultados. Consiste simplesmente, em seus aspectos manifestos, em pôr-se em contato com o entrevistado através de uma instrução: “gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que te ensinaram e o que aprendeu” e um material também simples que se encontra sobre a mesa e que se oferece ao entrevistado dizendo-lhe mais ou menos como continuação do que se falou antes: “este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você” (VISCA, 1987, p. 72).

Em síntese, o processo de avaliação psicopedagógica na Epistemologia Convergente, baseia-se em três primeiros sistemas de hipóteses organizado por meio da seleção de instrumentos pertinentes até chegar enfim, a etapa que antecede o terceiro e último sistema de hipóteses – a anamnese ou entrevista histórica, que pode retirar ou acrescentar

hipóteses de forma a confirmar com mais segurança o que foi avaliado. A partir desse ponto, que se elabora um informe e posteriormente se faz a devolutiva aos interessados no processo.

### ***Dificuldades de Aprendizagem***

Na Epistemologia Convergente tratamos as dificuldades para aprender como sintomas que podem estar revelando a existência de causas diferenciadas (BARBOSA, 2006, p. 124). Visca (1987), ainda afirma que:

os sintomas apresentam indicadores, menores indícios de que tal dificuldade pode fazer parte de uma categoria maior de dificuldades. (...) estes podem mostrar como o sujeito aprende e, neste sentido, o sintoma de aprendizagem é o emergente da personalidade em interação com o sistema social e seus membros.

Visca (1987) nos conta que existem três níveis de análise das dificuldades de aprendizagem:

- um primeiro nível que está relacionado à análise dos sintomas de dificuldade de aprendizagem; - um segundo nível da análise que se refere ao momento de aprendizagem atual do sujeito e aos obstáculos que estão dificultando a aprendizagem; - e um terceiro nível que está relacionado a todo o desenvolvimento do sujeito aprendiz, aos fatos que aconteceram na sua história e que podem ter contribuído para as dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades para a aprendizagem, dizem respeito a um grupo de problemas heterogêneos, capazes de alterar as possibilidades da criança de aprender, independente das suas condições neurológicas de fazê-lo. Sendo assim, os transtornos de aprendizagem são as dificuldades primárias ou específicas das alterações do Sistema Nervoso Central.

Baseado nestas questões, Fonseca (1995) comenta a etiologia das dificuldades de aprendizagem que pode ser abordada em dois níveis: endógeno e exógeno. O aspecto endógeno é de origem biológica e sua influência em termos de desenvolvimento, sendo o aspecto exógeno de origem social desencadeada por condições de pobreza e privação cultural.

Quanto aos fatores endógenos (biológicos), pode-se afirmar que as causas genéticas são indispensáveis para esclarecer as causas relacionadas às dificuldades de aprendizagem. Desta forma, oportuniza-se uma avaliação detalhada em busca de maiores informações para o processo de intervenção do psicopedagogo.

### ***A Síndrome de Down***

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética natural e universal. Como qualquer criança com SD, ela nasce com um potencial, que se desenvolverá conforme os incentivos e oportunidades proporcionadas (BIBAS e DUARTE, 2009).

Não existe grau da SD, sendo que ela não é uma lesão ou doença crônica que por meio de intervenção cirúrgica ou medicação promova-se a cura. É um modo diferente de ser que pelo termo “síndrome” implica em um conjunto de sinais e sintomas e “down” designa o nome do médico e pesquisador que primeiro descreveu a associação destes, John Langdon Down em 1866. Porém a etiologia genética foi elucidada por Jérôme Lejeune em 1959, como trissomia do cromossomo 21.

É uma ocorrência genética natural que acontece por motivos desconhecidos na gestação durante a divisão das células do embrião na maioria das vezes. O bebê nasce com um cromossomo a mais, ou seja, 47 no lugar dos 46 das pessoas da população geral.

Entre várias características da síndrome, podemos citar o atraso geral no desenvolvimento motor, intelectual e de linguagem. Mas à medida que a criança recebe a estimulação adequada, essa defasagem vai sendo superada. O papel da família é muito importante para que haja um melhor desenvolvimento e um trabalho integrado com todos os profissionais envolvidos. Em paralelo com o desenvolvimento físico e cognitivo, o saudável desenvolvimento emocional da criança e de seus familiares será a base para todo o resto (BIBAS e DUARTE, 2009).

As pessoas com SD apresentam alterações anatômicas e fisiológicas peculiares à síndrome que podem afetar em variados graus o seu desenvolvimento físico e cognitivo. Alterações diversas do sistema imunológico conferem maior suscetibilidade a infecções e doenças autoimunes. Desde que não apresentem outros agravos, as crianças com SD andam, porém seu desenvolvimento motor apresenta um atraso em relação à maioria das crianças, como também acontece na fala e linguagem escrita.

As pessoas com SD não só podem como devem praticar esportes e atividade física para seu bem estar físico e emocional em casa, clubes, academia, parques, praças. Elas têm o direito de participação plena na sociedade desde o nascimento. Devem estar incluídas na rede regular de ensino e mais tarde no mercado de trabalho, pois o trabalho é essencial para sua realização pessoal e construção de uma identidade adulta.

Faz-se necessário, alguns esclarecimentos etimológicos ao nos referirmos às pessoas com SD, ao passo que para Sasaki (2003), o termo que atualmente se usa de forma

correta, é pessoa com deficiência, presente inclusive na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que no Brasil tem peso constitucional.

A partir de 1981, por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começou-se a escrever e falar pela primeira vez a expressão pessoa deficiente. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a função de adjetivo, foi uma grande novidade na época. Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com deficiência, que permanece até os dias de hoje.

## **Metodologia**

Utilizou-se no processo de avaliação psicopedagógica a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem para o levantamento do primeiro sistema de hipóteses e delimitação dos instrumentos que utilizaríamos para pesquisar as potencialidades de L. Posteriormente foram utilizadas provas piagetianas, técnicas projetivas psicopedagógicas e atividades lúdicas para que pudéssemos entender como L. aprende. Houve necessidade de adequações de alguns materiais em função de sua capacidade de compreensão e da delimitação de combinados para que tivéssemos clareza dos mecanismos mentais que utilizava.

## **Resultados e Análise**

Concluiu-se que L. demonstrava características do período pré-operatório intuitivo global na maioria das provas piagetianas com diferenças funcionais que salientavam a inteligência visual e corporal. Estava em processo de aquisição das aprendizagens que Visca caracteriza como instrumentais, ou seja, habilidade para leitura, escrita e cálculo. Já identificava algumas letras e números, principalmente os que tinham alguma referência pessoal.

Apresentava uma boa coordenação ampla e fina, porém ainda, com a produção gráfica a ser estimulada. Seu tempo de concentração no início do processo avaliativo era limitado. Contudo, com o estabelecimento de vínculo com os pesquisadores conseguiu ampliá-lo. Demonstrava boa memória visual e auditiva, ao imitar com maestria seus familiares, o que denotou capacidade apurada de observação.

O vínculo com figuras masculinas era forte com um dos pesquisadores, provavelmente em função da estrutura familiar predominantemente de homens.

### **Considerações Finais**

A partir deste Estudo de Caso, pode-se inferir que, por meio do processo de avaliação psicopedagógica é possível, de forma positiva, não se ater às dificuldades apresentadas pelo sujeito aprendente, mas dar ênfase às suas habilidades e potencialidades.

O processo de avaliação, ao considerar o sujeito de forma integral, ou seja, em suas dimensões: cognitiva, afetiva, funcional e social possibilitou novos olhares sobre uma determinada possibilidade de investir no potencial de aprendizagem da criança.

Enfim, conceber e considerar a integralidade do sujeito que aprende ora observada por meio de testes, provas e outros instrumentos, pode ser sem dúvidas, um meio de acreditar que este sujeito pode ser mais e que, em sua dinâmica contextualizada, seja respeitada não pelas dificuldades que apresenta, mais por aquilo que pode chegar a fazer em sua condição.

### **REFERÊNCIAS**

BALESTRA, M. M. M. **A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade.** Curitiba: IBPEX, 2007.

BARBOSA, L. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação.** 2. ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Intervenção psicopedagógica no espaço da clínica.** Curitiba: IBPEX, 2010.

\_\_\_\_\_. **O projeto de trabalho: uma forma de atuação psicopedagógica.** Curitiba: Arins, 1999.

BIBAS, J. M. e DUARTE, A. M. **Ideias de Estimulação para a criança com Síndrome de Down: brincando e se desenvolvendo em casa.** Curitiba: Artes e Textos, 2009.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

CARLBERG, S. **Psicopedagogia: uma matriz de pensamento diagnóstico no âmbito clínico.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERMINO, F. S. et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar.** Petrópolis, RJ; Vozes, 1996.

FONSECA, V. da. **Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

SASSAKI, R. K. **Mídia e Deficiência**. Brasília: Andi/ Fundação Banco do Brasil, 2003.

TANAMACHI, E. R. e MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do Pensamento Crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, M. E. M. e ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 11- 62.

VISCA, J. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia: novas contribuições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. Buenos Aires: Argentina: Visca & Visca editores, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo, 2007.